

JESSICA
FELLOWES

O ASSASSINATO
NO TREM:
AS IRMÃS MITFORD
INVESTIGAM

Tradução de
Roberto Muggiati

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Rio de Janeiro | 2020

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11967-4

Seja um leitor preferencial
Record.

Cadastre-se no site

www.record.com.br

e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



PARA SIMON & GEORGE
BEATRIX & LOUIS

Je est un autre.

RIMBAUD

SUMÁRIO



PRÓLOGO

PARTE 1

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS

PARTE 2

CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
CAPÍTULO QUARENTA E OITO
CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
CAPÍTULO CINQUENTA

PARTE 3

CAPÍTULO CINQUENTA E UM
CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS
CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS
CAPÍTULO CINQUENTA E SETE
CAPÍTULO CINQUENTA E OITO
CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE
CAPÍTULO SESSENTA
CAPÍTULO SESSENTA E UM
CAPÍTULO SESSENTA E DOIS
CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS
CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO
CAPÍTULO SESSENTA E CINCO
CAPÍTULO SESSENTA E SEIS
CAPÍTULO SESSENTA E SETE
CAPÍTULO SESSENTA E OITO
CAPÍTULO SESSENTA E NOVE
CAPÍTULO SETENTA
CAPÍTULO SETENTA E UM
CAPÍTULO SETENTA E DOIS
CAPÍTULO SETENTA E TRÊS
CAPÍTULO SETENTA E QUATRO
CAPÍTULO SETENTA E CINCO
CAPÍTULO SETENTA E SEIS
CAPÍTULO SETENTA E SETE
CAPÍTULO SETENTA E OITO
CAPÍTULO SETENTA E NOVE

NOTA HISTÓRICA

AGRADECIMENTOS

BIBLIOGRAFIA

PRÓLOGO



12 de janeiro de 1920

Florence Shore chegou à estação Victoria às quinze para as três da tarde, em um táxi. Era uma extravagância chamar um motorista para percorrer todo o trajeto desde Hammersmith, mas ela achava que merecia. O estilo de chegada combinava com seu novo casaco de pele, um presente de aniversário para si mesma que usara pela primeira vez no dia anterior, para impressionar a tia, a baronesa Farina, enquanto tomavam chá e comiam biscoitos de gengibre, com a tia se desculpando por não servir bolo.

Florence estivera naquela estação apenas vinte horas antes, quando voltara da casa da parenta em Tonbridge, e agora seguia quase para a mesma direção, a caminho de St. Leonards-on-Sea. Sua grande amiga Rosa Peal morava lá, em cima de uma casa de chá. Além do aniversário e do casaco de pele — motivo suficiente para pegar um táxi, em vez dos dois ônibus, para atravessar a cidade —, Florence usava seu excesso de bagagem para justificar a escolha do transporte: uma caixa de documentos, uma mala grande, sua frasqueira, um guarda-chuva e uma bolsa de mão. Além do mais, em matéria de gastos fúteis, fazia apenas dois meses desde que ela fora desmobilizada, e por isso só cometera poucas das extravagâncias a que poderia se permitir desde que recebera a herança da irmã, cinco anos antes. Sem mencionar que ela também tinha suas economias.

Então a decisão foi tomada — Florence chamou um carregador. Se o homem levasse suas malas sem se queixar, ela lhe daria uma bela gorjeta.

— Plataforma nove, por favor — informou ela —, na terceira classe.

Suas extravagâncias tinham um limite.

Livre da carga, Florence arrumou seu elegante gorro de pele e sacudiu a saia comprida. A moda de antes da guerra combinava melhor com sua silhueta; às vezes, ela desejava deixar de lado o espartilho, mas não conseguia acostumar-se à ideia. A única vez que se aventurara a sair sem o corpete, sentira como se estivesse desfilando nua pelas ruas. Mantendo o ritual, ela afagou a bolsa de mão, se apoiou no guarda-chuva, como se ele fosse uma bengala, e marchou com o passo decidido para a bilheteria. Não tinha tempo a perder.

Havia uma agência de correio na estação, e ela se perguntou se devia mandar um bilhete à funcionária de sua hospedagem para avisar que tinha viajado, mas decidiu não o fazer. Afinal, podia escrever de St. Leonards. Então seguiu até a bilheteria, aliviada ao ver que a fila não estava muito grande, e postou-se no guichê número seis, atrás de uma bonita jovem. Florence admirou a figura esbelta à sua frente, os cabelos lustrosos puxados para cima e cobertos por um grande chapéu adornado com cetim azul-marinho. A febre dos cabelos curtos ainda não tinha assolado a capital da mesma forma que ela vira em Paris, embora suspeitasse que isso não fosse demorar muito a acontecer. A mulher comprou o bilhete com pressa e, ao completar a transação, abriu um breve sorriso a Florence antes de seguir caminho.

Ela encarou o bilheteiro atrás da vidraça, um homem de barba que usava um quepe. Por um instante, ficou admirada pelo fato de as autoridades ferroviárias permitirem que os funcionários usassem barba, mas então pensou que ele podia ter alguma deformidade facial causada pela guerra e estivesse usando a barba para disfarçá-la.

Isso era algo bastante comum, como ela sabia muito bem.

— Pois não, madame? — disse o homem. — Para onde?

— Terceira classe para Warrior Square, St. Leonards, por favor. Voltando daqui a uma semana.

Florence notou que o bilheteiro observava sua medalha de guerra e a encarava como se dissesse: “Você é uma das nossas.” Mas o que ele realmente falou foi:

— Plataforma nove. Ainda dá tempo de pegar o das três e vinte. É um trem rápido para Lewes, onde se separa: os vagões da frente vão para Brighton, e os vagões de trás, para Hastings. A senhora deve se sentar nos últimos vagões.

— Sim, eu sei — disse Florence. — De qualquer forma, obrigada.

— Seis xelins, então.

Ela já deixara a bolsa no peitoril à sua frente; o valor da passagem foi rapidamente retirado de seu interior. Ágil, mesmo com a mão enluvada, Florence entregou-lhe o dinheiro e recebeu os pequenos retângulos de papelão. Cuidadosamente, o bilhete da volta foi enfiado na bolsa; o de ida permaneceu na mão, e o fecho foi cerrado com barulho.

De volta ao saguão, Florence olhou para o relógio da estação ferroviária — ainda não estava no horário da partida, mas ela sabia que o carregador devia estar tremendo de frio na plataforma com suas bagagens, então desistiu de dar uma rápida passada na acolhedora confeitaria da estação para tomar uma xícara de chá. O caminho à sua frente parecia vasto e vazio, lembrava mais um hangar de aviões do que uma estação de trem. Havia muito, o frio desanimador de janeiro aplacava a alegria do Natal, sem mencionar a virada para uma nova década. O povo passara tempo demais ansiando por uma vida pós-guerra só para descobrir que nada jamais voltaria a ser como antes. Muita coisa mudara; muito sofrimento fora infligido.

Pelo menos a jornada que tinha pela frente não era longa, e Rosa a receberia com uma ceia farta quando chegasse — generosas fatias de pão com muita manteiga, postas de presunto adoçado com mel e

um copo de cerveja, provavelmente seguidos por um pedaço de bolo que sobrara da casa de chá, aquecido com uma colherada de creme caseiro. Depois de uma ou duas semanas na casa da amiga, o espartilho de Florence sempre tinha de ser alargado. Estranhamente, a lembrança do banquete — um marco de todas as visitas a Rosa — não despertou seu apetite. Chá quente e doce era tudo o que queria naquele momento, mas não importava. Ela já passara por privações piores.

Florence continuou a caminhada até o trem. A plataforma número nove era uma espécie de meia plataforma, ocupando a extremidade direita da estação e obrigando os passageiros a caminharem pela plataforma oito para chegar até ela. Ao caminhar, imponente porém segura, como o *Lusitania* partindo de Liverpool, Florence pensou ter visto pelo canto do olho uma pessoa conhecida. Aquilo a surpreendeu. Será que ele sabia que ela estaria na estação Victoria? O homem era pequeno, magrelo e desmazelado — uma jangada de madeira comparada ao seu transatlântico. Ele estava quase de costas, e seu chapéu estava tão enfiado na cabeça que ela não tinha certeza se o sujeito a vira ou não. Florence acelerou o passo, o coração batendo forte. Então viu o carregador mais à frente, esperando pacientemente ao lado de suas malas, e se acalmou. Ela só precisava entrar no trem; em menos de vinte minutos, estaria longe dali.

Florence mirou nos olhos do carregador e permaneceu encarando-o enquanto se aproximava, o que só deixou o sujeito constrangido. Isso fazia com que se sentisse mais segura, embora ele não passasse de um moleque. O rapaz coçou o queixo e tirou o chapéu, nervoso. Algo a incomodou ao perceber aquela impaciência. Estava prestes a ignorar a sensação quando viu alguém aparecer à direita do carregador: Mabel.

O rapaz pigarreou.

— Madame, me desculpe, madame, essa senhora queria levar a sua bagagem, mas eu não sabia se... — E perdeu o fio da meada.

Mabel se adiantou.

— Florence, querida. Ele não quis aceitar minha gorjeta.

Ela não respondeu, mas se dirigiu ao carregador.

— Está tudo bem. Pode ir agora. Obrigada.

Florence lhe entregou um xelim, tomada de determinação, e o rapaz partiu com o rosto aliviado. Então ela se virou para Mabel:

— O que você está fazendo aqui?

— É assim que cumprimenta uma velha amiga? — perguntou a outra mulher, sorrindo. — Eu só queria ajudar. Sei como você é exigente na hora de escolher o assento. E com tanta bagagem, seria impossível se virar sozinha.

— Eu tinha um carregador, como você viu. Consigo me virar muito bem.

— Eu sei. Mas não faz mal aceitar minha ajuda. Agora, fique aqui, vou verificar as cabines.

Enquanto estavam paradas ali, o trem se aproximou. Tendo dispensado o carregador, Florence ficou junto das malas enquanto Mabel abria a porta do primeiro vagão da terceira classe, e depois a do outro. E logo estava de volta.

— Você vai ter de entrar nesse. Não tem mais ninguém, então você pode se sentar onde quiser. Tem uma mulher na outra cabine, sentada de frente para o vagão do motor. E não quer sair de lá.

Florence ficou em silêncio, suas feições suaves, tão difíceis de interpretar quanto uma lápide antiga, com os relevos quase invisíveis depois de séculos de chuva e vento. Mabel pegou a mala grande e a caixa de documentos, de couro vermelho-escuro com cantos claros e desbotados, surrada depois de anos acompanhando a dona pela França. Florence já pegara a frasqueira, pequena e azul-marinho, cuja chave guardava na bolsa. Havia sido um presente da tia, comprada na Asprey da Bond Street, quando a rainha Vitória ainda estava no trono.

De fato, não havia viva-voz no vagão que Mabel escolhera, e o local já passara por uma limpeza completa, pois não havia sinal dos

costumeiros detritos dos passageiros da viagem anterior. Dois bancos acolchoados se defrontavam, e só havia mais uma porta, do lado oposto. Assim que o trem partisse, ninguém mais poderia entrar. Mabel colocou a mala embaixo do primeiro banco, do lado direito, de frente para o vagão do motor. A caixa de documentos foi posicionada ao lado do espaço onde Florence se sentaria. Florence tirou o chapéu e o colocou sobre a caixa.

— Você trouxe algo para ler? — perguntou Mabel, estendendo a mão para dar uma olhada na bolsa de Florence, mas foi rechaçada com um gesto rápido. — É melhor se sentar. O trem já vai partir.

Florence continuou quieta, mas se sentou no lugar que Mabel indicara. Ficava no canto mais afastado da janela; da plataforma, não poderia mais ser vista facilmente por ninguém que estivesse observando. O sol ainda não começara a se pôr, mas a luz estava fraca, o céu do mesmo tom encardido do piso do saguão. Felizmente, o vapor do encanamento a aqueceria muito em breve. Havia lampiões a gás nos vagões, mas eles só seriam acesos em Lewes. Ler sob aquelas condições não seria impossível, mas era desconfortável para uma mulher da sua idade — 55 anos completados no dia anterior. Quando a guerra terminara, ela decidira se aposentar, e, agora, a única coisa que precisava fazer na vida era esperar a chegada da velhice.

Mabel se empertigou, prestes a dizer alguma coisa, mas se sobressaltou quando sentiu um alvoroço atrás dela. A porta se abriu, e um jovem de 28 anos, talvez 30, entrou. Ele usava um terno de tweed marrom-claro e um chapéu. Florence não viu um sobretudo, algo esperado para uma pessoa viajando para o litoral em janeiro, mas talvez estivesse pendurado no braço dele e ela não tivesse notado. O sujeito não trazia bagagem, nem bengala, nem mesmo um guarda-chuva. Sentou-se à esquerda, à janela, na diagonal de Florence, de costas para o vagão do motor.

O apito do guarda da estação soou — o trem partiria em cinco minutos.

Mabel moveu-se em direção à porta, e o homem se levantou.

— Permita-me.

— Não, obrigada — rebateu Mabel. — Posso abrir sozinha.

Ela baixou a janela com a correia de couro, inclinou-se para fora, a fim de girar a maçaneta, e abriu a porta. Florence permaneceu sentada e não deu atenção ao companheiro de viagem; havia um jornal em seu colo, e seus óculos de leitura estavam empoleirados no nariz. Mabel desceu do trem, fechou a porta e ficou na plataforma, olhando para o vagão. Logo depois, o guarda soprou o apito final. O trem partiu, devagar no início, depois ganhando um embalo regular, até chegar ao primeiro túnel e alcançar sua velocidade máxima. Aquela foi a última vez que alguém viu Florence Nightingale Shore com vida.



PARTE UM

1919 — 1920

CAPÍTULO UM



Véspera de Natal, 1919

Costurando caminho por entre a multidão ao longo de King's Road, apertando o casaco fino ao redor do pescoço para se proteger do vento cortante, Louisa Cannon andava com a cabeça baixa, dando passos leves na calçada. Os contornos da rua podiam ter esmaecido com a escuridão opressora, mas as multidões não diminuían. Duplas de compradores zanzavam diante das belas vitrines, decoradas com luzes elétricas e atraentes guloseimas de Natal: caixas de papelão coloridas cheias de balas de goma, seus vívidos cubos gelatinosos cor-de-rosa e verdes quase incandescentes sob a cobertura de açúcar de confeitiro; os rostos pálidos e esmaltados de bonecas de porcelana novas em folha, pernas e braços rígidos em vestidos de algodão engomados, anáguas rendadas finíssimas espreitando sob a barra das saias em camadas extravagantes.

Às suas costas, a grande loja de departamentos Peter Jones colocara uma árvore em cada vitrine, com fitas vermelhas e verdes cuidadosamente atadas nos galhos, além de enfeites de madeira pendurados nos pinheiros verde-escuros: minúsculos cavalos de balanço pintados, estrelas de prata que giravam, ovos dourados, bengalas doces listradas. Cada elemento era a representação perfeita de uma fantasia infantil trazida deliciosamente à vida agora que a guerra e o racionamento tinham acabado.

Havia um homem parado diante da loja, com as mãos para trás, entrelaçadas, o rosto banhado pela luz suave das vitrines. Louisa se perguntou se ele estaria distraído o suficiente para não notar a mão de alguém entrando em seu bolso à procura de sua carteira. As palavras de despedida do tio não saíam de sua cabeça desde aquela manhã: “Não volte sem uma boa quantia. É Natal, oportunidades não faltarão.” Ele devia estar sofrendo alguma pressão, porque andava especialmente mal-humorado e exigente nos últimos tempos.

Quando Louisa se aproximou, o homem se virou de repente e enfiou as mãos nos bolsos. Ela devia ter ficado irritada, mas só conseguiu se sentir aliviada.

Então baixou ainda mais a cabeça, esquivando-se das botas de cadarços e dos sapatos envernizados na calçada. Além do tio, a mãe também lhe aguardava em casa, de cama, não exatamente doente, mas não exatamente bem — tristeza, trabalho duro e fome contribuíram para sua magra compleição. Perdida em pensamentos, Louisa sentiu o calor da fumaça amarga atingindo seu estômago vazio antes mesmo de ver a barraca de castanhas.

Poucos minutos depois, ela removia a casca quente e assada, uma tirinha de cada vez, usando os dentes da frente para mordiscar a noz doce embaixo. Apenas duas para si, prometeu; levaria o restante para a mãe, torcendo para que não estivessem frias demais quando chegasse à sua casa. Ela se encostou à parede atrás da barraca, desfrutando do calor do fogo. O vendedor era alegre, e o clima ao redor era de festa. Louisa sentiu os ombros relaxarem e se deu conta de que os mantivera encurvados por tanto tempo que deixara de reparar. Então ergueu os olhos e viu uma pessoa conhecida vindo em sua direção: Jennie.

Ela se encolheu e tentou se esconder nas sombras. Enfiou o pacote de castanhas no bolso e puxou o colarinho mais para cima. Jennie chegou mais perto, e Louisa percebeu que estava encurralada — não podia sair dali sem se revelar. Sua respiração acelerou. Em pânico, agachou-se e fingiu amarrar os cadarços.

— Louisa? — Dedos enluvados para se proteger do inverno tocaram-na de leve no ombro. A figura esbelta usava um casaco de veludo elegante de corte solto e bordado com penas de pavão. Se o casaco de feltro verde de Louisa antes tinha o mérito de favorecer seu corpo miúdo, agora ele só parecia algo desmazelado. Mas a voz era amistosa e cheia de simpatia. — É você?

Não havia escapatória. Louisa se empertigou e tentou parecer surpresa.

— Ah, Jennie! — exclamou. O fato de quase ter cometido um furto e a aparição da velha amiga fizeram arder de vergonha suas bochechas. — Olá. Não a reconheci de longe.

— Que alegria encontrá-la — disse a jovem. Sua beleza, que já florescia na última vez que as duas se viram, agora se tornara magnífica e delicada, como um candelabro de vidro lapidado. — Meu Deus, não nos vemos há... quatro anos? Cinco?

— Pois é, creio que sim — respondeu Louisa.

Ela segurou as castanhas no bolso, absorvendo seu calor.

Outra figura subitamente apareceu, uma moça dois ou três anos mais jovem que Louisa, com cabelos escuros caindo em cachos soltos abaixo dos ombros, os olhos verdes espiando por baixo da aba do chapéu. Ela sorria, aparentemente feliz com aquela reunião entre amigas.

Jennie tocou o ombro da jovem.

— Esta é Nancy Mitford. Nancy, essa é minha mais antiga e querida amiga, Louisa Cannon.

Nancy estendeu uma das mãos enluvadas.

— É um prazer.

Louisa apertou-lhe a mão e teve de reprimir uma mesura. A garota exibia um sorriso caloroso no rosto, mas tinha a postura de uma jovem rainha.

— Nancy é filha de grandes amigos dos meus sogros — explicou Jennie. — A babá deles está cansada porque a assistente foi embora, então decidi me oferecer para ajudar.

— Ela fugiu com o filho do açougueiro — interrompeu-a Nancy.
— O vilarejo inteiro está em polvorosa. É a história mais engraçada que já ouvi. Papai anda cuspiendo fogo desde então.

A garota explodiu em risinhos, que Louisa achou muito contagiantes.

Jennie lançou um falso olhar reprovador a Nancy e continuou a explicar:

— Sim, de qualquer maneira, viemos tomar chá. Nancy nunca tinha comido a torta de carne da Fortnum's, acredita?

Louisa não sabia o que dizer, já que também nunca tivera essa experiência.

— Espero que tenha gostado — falou, por fim.

— Ah, sim — disse Nancy —, estava deliciosa. Não é sempre que me deixam comer pratos de tradição católica.

A garota rodopiou ligeiramente sobre os pés. Louisa não sabia se ela imitava um entusiasmo juvenil ou se o gesto era sincero.

— Como vai você? E seus pais? Você parece... — Jennie hesitou, apenas brevemente, mas o suficiente. — Você parece muito bem. Puxa, como está frio, não acha? E ainda há tanta coisa a fazer... O Natal já é amanhã! — E deu um risinho nervoso.

— Nós estamos ótimos — disse Louisa, alternando o peso entre os pés. — O de costume. Tocando a vida.

Jennie tocou seu braço.

— Querida, estou atrasada. Prometi levar Nancy de volta. Pode caminhar conosco para conversarmos um pouco mais? Só por um minuto?

— Sim — concordou Louisa, cedendo. — É claro. Aceitam uma castanha? Comprei para mamãe, mas não resisti e comi algumas.

— Quer dizer que não são suas? — perguntou Jennie e piscou um olho de forma exagerada, dando uma cotovelada nas costelas da amiga.

Louisa finalmente foi obrigada a sorrir, revelando uma fileira regular de dentes e iluminando seus olhos cor de mel.

Ela descascou uma castanha para cada moça. Jennie segurou a sua com a ponta dos dedos antes de enfiá-la na boca, e Nancy a copiou. Louisa aproveitou o momento para observar a amiga.

— *Você* parece bem. Está bem, não está?

Jennie não riu de novo, mas sorriu.

— Casei com Richard Roper no verão passado. Ele é arquiteto. Vamos nos mudar para Nova York em breve porque ele quer sair da Europa. Diz que a guerra deixou tudo por aqui arrasado. Existem mais oportunidades por lá. Vamos esperar que isso seja verdade, de qualquer forma. E você?

— Bem, eu não me casei — respondeu Louisa. — Não daria para casar a tempo de votar, então desisti de vez.

Para sua satisfação, Nancy riu.

— Sua boba — disse Jennie. — Você não mudou nada.

Louisa deu de ombros. O comentário doeu, embora ela soubesse que essa não fora a intenção de Jennie.

— Não, pouca coisa mudou. Continuo em casa. Correndo atrás de trabalho com mamãe, como sempre.

— Sinto muito. Deve ser difícil para vocês. Posso dar-lhe alguma ajuda? Por favor?

Jennie começou a vasculhar a bolsa, um quadrado delicado que pendia de uma corrente de prata.

— Não. De verdade, não, obrigada. Nós estamos bem. Recebemos ajuda.

— Seu tio?

Uma sombra anuviou o rosto de Louisa, mas ela a afastou e sorriu para Jennie.

— Sim, então ficaremos bem. Nós *estamos* bem. Ande, vamos caminhar mais um pouco. Para onde vocês estão indo?

— Vou deixar Nancy em casa, depois vou me encontrar com Richard. Combinamos de dançar com amigos no 100 Club. Já estive lá? Você precisa conhecer. O mundo mudou tanto, e Richard é um homem tão ousado. Imagino que foi por isso que tenha se casado

comigo. — Ela baixou a voz, num tom deliberadamente conspiratório. — Não sou como as outras esposas...

— Não, não me parece que alguém do nosso grupinho faria parte dessa turba. Mas você sempre foi mais elegante do que nós. Lembro que sempre insistia em engomar sua camisola. Uma vez você não roubou um pouco de goma do armário da minha mãe?

Jennie cobriu a boca com a palma da mão.

— Sim! Eu tinha me esquecido completamente disso! Falei para sua mãe que trabalharia como assistente dela, e ela riu da minha cara.

— Acho que lavadeiras não costumam ter assistentes — disse Louisa —, embora eu a ajude com frequência. Acredite se quiser, sou muito boa em fazer remendos agora.

O tempo todo, Louisa estava ciente dos olhos verdes de Nancy observando as duas, absorvendo a conversa. Ela se perguntou se deveria aludir à origem nada aristocrática de Jennie diante da garota, mas decidiu que, como Jennie era incapaz de qualquer forma de lorota, Nancy já devia saber de tudo. De qualquer modo, a amiga não demonstrava estar envergonhada.

— Então sua mãe ainda está trabalhando? — perguntou Jennie, o olhar cheio de pena. — E seu pai? Ele não continua subindo e descendo daquelas chaminés, continua?

Louisa concordou com a cabeça rapidamente. Não queria explicar que ele havia morrido poucos meses antes.

— Nós costumávamos chamá-los de o Sr. Preto e a Sra. Branca, não era?

As duas jovens riram, os ombros e as cabeças se encostando por um segundo, voltando ao tempo de colegiais, com rabos de cavalo e jardineiras.

Lá em cima, as estrelas começavam a surgir no límpido céu negro, embora perdessem a competição para os lampiões. Automóveis circulavam ruidosamente pela rua; os frequentes toques de buzina não podiam ser interpretados com facilidade, soando